

POSSENTI, Sírio (2010). *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto. 183 pp. ISBN: 978-85-7244-480-4

O que Mário e Juquinha podem ter em comum? E a inglesa com o gaúcho? Como relacionar Freud e Pedro Álvares Cabral? O que duplo sentido tem a ver com aforismo? E onde os idiomatismos e as fórmulas podem se encontrar?

Questões como essas, aparentemente desencontradas, encontram sua coerência no fértil domínio em que se cruzam *Humor, língua e discurso*, título do mais recente livro de Sírio Possenti (IEL-UNICAMP). Dando continuidade a sua trajetória de mais de vinte anos pesquisando humor (com destaque para o livro *Os humores da língua* (Campinas: Mercado de Letras, 1998), Possenti lança agora outra coletânea de 15 ensaios, em que apresenta vasto número de textos de humor, de diversos gêneros (piadas, chistes, charges, adivinhas, canções etc.), de diferentes meios (livros, jornais, portais da internet), para analisar técnicas linguísticas, mecanismos discursivos e campos temáticos utilizados na fabricação do riso.

Este, a propósito, já no prefácio o leitor poderá encontrá-lo. Ao explicar sua tentativa de assumir o tom jornalístico, Possenti considera a possibilidade de que os jornalistas digam que ele precisa “praticar” muito, ao que acrescenta: “ia escrever gramar ou pastar, mas evito possíveis derivas de interpretação”.

Não deu para rir? Aí, como defende o autor, é um problema de leitor e não de técnica. Aliás, os subentendidos também aparecem no livro, como um dentre tantos outros procedimentos de produção de humor (tais como condensações, trocadilhos, estereótipos, *nonsenses*, rebaixamentos etc.).

Nesta resenha, apresentamos rapidamente o livro de Possenti, organizando essa apresentação através do que pode ser compreendido como alguns dos tópicos gerais, descrevendo em linhas sumárias os ensaios de *Humor, língua e discurso*. Esta apresentação, na divisão que é feita aqui, é meramente ilustrativa, já que, como será visto, as questões e os dados que são tratados nas seções seguintes se atravessam mutuamente.

Humor e História. No primeiro ensaio, “Rindo do descobrimento do Brasil”, escrito por ocasião dos 500 anos da chegada dos portugueses ao solo brasileiro, Possenti discorre a respeito das poucas piadas sobre um tema aparentemente tão importante na nossa história. As que circulam, em essência, não tratam do “descobrimento” e sim de outros temas, como o próprio Brasil e seus problemas, a indisciplina escolar etc.. Segundo o autor, a quantidade mínima de piadas sobre o “descobrimento” se deve ao fato de que o tema não cumpre duas condições para figurar como humorístico: para que determinado tema seja assunto de piadas, é necessário que seja polêmico (com pontos de vista controversos sobre o assunto) e que seja popularizado (seja assunto de vários segmentos da vida social).

Pelos embates entre visões de mundo e segmentos sociais que os temas de piadas podem refletir, fica pressuposta, assim, a relação entre humor e história,

o que interessa especialmente à Análise do Discurso. Esta é, a propósito, a consideração do ensaio seguinte (“Humor e Acontecimento”). A partir de proposições inspiradas especialmente em Foucault, Possenti mostra como é possível encarar os textos de humor como acontecimento, isto é, a “irrupção histórica” de uma enunciação singular. Segundo o autor, pode-se estabelecer uma tipologia para textos de humor de acordo com os acontecimentos aos quais se relacionam, com destaque também para o caráter decisivo do suporte de circulação: ora se referem a acontecimentos mais “visíveis”, exigindo assim um saber preciso para sua interpretação (como é o caso das charges publicadas em jornais, que tratam de assuntos da ordem do dia), ora se referem a costumes gerais, relativos a épocas e personagens não individualizados, os tipos (à maneira das piadas publicadas em coletâneas ou revistas, que tratam de elementos como as relações entre homem e mulher, etc.).

Humor e Identidades. E por falar em tipos, os textos de humor ilustram perfeitamente como as identidades podem ser consideradas fruto de uma construção discursiva. Nos ensaios “Estereótipos e identidade” e “As mesmas fantasias”, Possenti mostra como as piadas atuam como textos de divulgação de estereótipos, representações identitárias ou fantasias cristalizadas. Estes estão baseados em simulacros (inversões) e circulam para além de textos humorísticos (como em anúncios de jornal, relatórios, contos eróticos etc.).

Somem-se, ainda, outros exemplos apontados em vários ensaios: o caso das profissões (advogados, garçons), dos regionalismos (mineiros, gaúchos, baianos, nordestinos em geral, cariocas), das nacionalidades e/ou povos (argentinos, inglesas, judeus), das religiões (católicos, protestantes), enfim: de muitas maneiras, os tipos dos textos de humor revelam mais do que simples relações de interdiscursividade, demonstram como textos humorísticos funcionam também como palco de relações de conflito entre segmentos de uma sociedade ou cultura.

Mas que isso não nos permita pensar que o humor é uma questão estritamente cultural: segundo Possenti, “O humor é universal”. Isso porque, se os textos de humor se baseiam fortemente em implícitos e intertextos, o apelo que se faz é a um saber, a uma memória – “não necessariamente a uma cultura” e “a informação cultural é apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores” (p. 148). Para ilustrar essa ideia de que o humor é universal, apresenta um repertório de piadas de vários países (francesas, mexicanas, italianas) para demonstrar como o ingrediente principal é sempre uma questão de técnica.

Humor e Linguagem. Os textos de humor e a análise que Possenti faz deles revela logo uma proposição fundamental para a Linguística em geral e para a Análise do Discurso em particular: a importância da descrição da materialidade verbal na interpretação dos sentidos. Se, com efeito, “a linguagem não é transparente” (como propuseram, aliás, nomes célebres da Análise do Discurso, como Foucault, Pêcheux e Maingueneau), o papel das explicações detalhadas

do material linguístico é fundamental para as análises, inclusive análises de textos de humor (e muita gente supõe, erroneamente, que o funcionamento das piadas é óbvio). Isso é o que faria de Freud o excelente **psicanalista** que foi, tal como defende o autor no ensaio “Explicar piada, Freud explica” (p. 157).

E é assim que também procede, inclusive mostrando como os temas de humor podem ser as próprias línguas. No texto “Humor e imaginário sobre línguas”, o autor mostra que, ora explorando aspectos estruturais, ora uma suposta uniformidade entre som e sentido, muitos textos de humor permitem ver um imaginário etnocêntrico, em que as outras línguas seriam formadas a partir da nossa: ver, por exemplo, os casos que tratam de léxicos estrangeiros (como se diz bombardeio em alemão? Bombascaen...) ou de nomes próprios (como se chama o jogador da Holanda? Cocu? Cabunda? Ou Canadáega?).

Ainda a respeito das línguas, também os idiomatismos podem ser tomados como pretextos para textos de humor, como trata o ensaio “Humor e língua: relendo idiomatismos”. Como geralmente as piadas funcionam à base de um segundo sentido que se revela ao último momento, o efeito de humor de piadas que exploram idiomatismos advem dos sentidos literais para as expressões idiomáticas. Por exemplo: o que há debaixo dos tapetes dos manicômios? Louco varrido... Para o autor, trata-se de um bom caso que ilustra a tese da *lalangue*, a língua do equívoco.

A mesma *lalangue* se mostra nos jogos de linguagem que bebem na fonte da relação fala/escrita. Como propôs Freud, eles podem ser considerados técnicas tradicionais de humor em chistes (ocasionando, assim, um efeito de prazer) e o que Possenti demonstra, com o ensaio “Histórias cômicas em suporte eletrônico”, é que as mídias podem se modificar, mas “continua-se a rir do baixo ou do que se rebaixa e dos jogos de linguagem” (p. 120).

Mas não só de equívoco se faz o cruzamento entre humor e línguas: também os embates éticos exploram a língua como mote de humor. As polêmicas em torno do “politicamente (in)correto”, por exemplo, também podem se manifestar em textos humorísticos, como revela o ensaio “O humor, as palavras e as coisas”. Que o digam os jargões tucanos e os “verbetes” elaborados por José Simão. Enquanto um grupo se posiciona pelos “eufemismos” e certo floreio sobre a “realidade” (tal como dizer “problema da empregabilidade” para “desemprego”), outro se coloca a favor de proposições mais francas e “diretas” (como o nome da boate no Piauí: “Mercado da Periquita Usada”). O fato de que se ri sugere a dúvida: qual destes casos é o mais “ético”? Evidentemente, o que está implicado aí vai além do simples riso ou de uma concepção referencial de linguagem: trata-se de tomar partido em uma conjuntura, a respeito de um posicionamento, em um dado campo.

Humor: um campo discursivo? É a propósito de considerar o humor como um campo que o livro finaliza. Compreendendo o conceito de campo a partir de Bourdieu, isto é, um domínio social em que os membros atuam de acordo com regras específicas, atuação que inclui as práticas discursivas e

todas as relações que os sujeitos possam ter com elas (de profissionalização, de consumo, de difusão e circulação, de uso dos momentos e lugares pertinentes, de atitudes de adesão e resistência etc.), Possenti considera que é possível pensar o humor como um campo de discurso, à maneira do modelo apresentado por Mainueneau para definição do campo literário.

Alguns aspectos se mostram fecundos para uma possível caracterização do humor como campo: numerosos assuntos tratados, diversidade de gêneros textuais, a não-pretensão a um caráter utilitário ou realista, a divisão entre manifestações eruditas e populares, questões de autoria, eventos e mídias... Exemplos de textos de humor que confirmem esses aspectos constitutivos de um campo discursivo estão aí, no mundo, e certamente merecem mais análises.

Quem sabe não teremos sua continuidade em um próximo livro de Sírio Possenti?

E toda a verdade que não traga ao menos um riso nos pareça verdade falsa. Assim falou Nietzsche (que, aliás, também aparece no ensaio sobre aforismos) e assim faz Possenti: sem cair no ranço por demais academicista e sem deixar de lado a profundidade teórica e analítica, seu livro mostra como o discurso humorístico pode suscitar questões demasiadamente humanas: o cultural, o imaginário, o inconsciente, o político e o linguístico se encontram em acontecimentos aparentemente banais – uma piadinha numa mesa de bar, por exemplo – e implicam uma característica que (como defende o autor em um dos ensaios) é realmente universal: o humor.

Que fique claro, portanto: Possenti não apenas enumera textos humorísticos e técnicas de produção discursiva do humor. Utilizando uma linguagem leve e acessível (que nem todo jornalista é capaz de assumir), não prescinde de rigor e método, valendo-se (e equiparando-se a) de teóricos do quilate de Aristóteles, Quintiliano, Skinner, Bakhtin e o já citado Freud para tratar de textos de Millôr, Genival Lacerda, Veríssimo, Angeli e João C. Flores, bem como de tantos outros casos da sabedoria popular que nos fazem rir com seus implícitos, ambiguidades e apelos intertextuais.

A nosso ver, diversos aspectos tornam o livro importante: desde a leitura agradável (e divertida!), passando pelo requinte do modelo de análise que oferece, até a possibilidade de “descoberta e compreensão de fatores ideológicos/culturais” (p. 82). Para linguistas, analistas do discurso, profissionais e estudiosos do humor, bem como curiosos em geral dos meandros discursivos desse traço típico do humano: rir e fazer rir. Eis um livro em que o riso casa perfeitamente com o riso. O que certamente agradará a todos, de judeus a baianos, de advogados a peixes-gatos. Com todas as derivas de interpretação.

Cellina Rodriguez Muniz
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
 cellina.muniz@bol.com.br